



Ricardo A. Setti

Desordem na fronteira com o Paraguai

Armas, drogas, contrabando: nosso vizinho apronta, e o governo se omite

A GUERRA DE QUADRILHAS QUE LEVOU PAVOR E MORTE à favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, ocupada, em consequência, por mais de 1 000 homens da Polícia Militar, trouxe novamente à tona o debate sobre o papel do governo federal na questão da segurança pública, cuja manutenção a Constituição atribui basicamente aos estados. No bojo dessa discussão, impulsionada pelo casal de governadores Garotinho, voltou à pauta a possibilidade de cooperação das Forças Armadas, quando menos para vigiar fronteiras.

Foi esquecida, porém, uma ação que o governo federal não apenas pode, como tem a obrigação de efetuar, e esta na área da política externa: pressão política, diplomática e econômica sobre o Paraguai. Antes que o leitor comece a rir, diante da escandalosa pobreza do país vizinho, vale lembrar que é quase impossível citar, hoje em dia, um único problema grave de segurança pública do Brasil que não tenha alguma ramificação importante, quando não sua própria fonte de origem, no Paraguai.

A polícia fluminense calcula, por exemplo, que 80% da maconha que circula nos morros cariocas chega ao país via Paraguai.

O grosso da cocaína produzida na Colômbia, que domina o mercado brasileiro (a boliviana é minoritária), dá voltas pela geografia e acaba entrando aqui pela mesma porta. O tráfico de armas, inclusive pesadas, que alimenta as quadrilhas brasileiras ingressa no país pelo Paraná ou pelo Mato Grosso do Sul via fronteira com, de novo, o Paraguai. Sem contar contrabando, roubo de cargas, tráfico de carros furtados, falsificação de produtos, pirataria de marcas, lavagem de dinheiro — todo um interminável elenco de crimes graves que nos afetam e infernizam tem tido no Paraguai um santuário, sob o abrigo cúmplice, quase maternal, das autoridades de lá e o virtual silêncio das autoridades daqui.

Seja em razão da má consciência existente até hoje pelos

efeitos devastadores sofridos pelo vizinho com a Guerra do Paraguai (1864-1870), seja pelo resultado da patrulha politicamente correta contra o sempre brandido “imperialismo brasileiro”, o fato é que nossos governos não têm feito nada diante desse gordo dossiê de agressões perpetradas contra os interesses nacionais.

E, no entanto, o momento é apropriado para que o Itamaraty se mexa. Não somente por situações dramáticas como a da Rocinha ou a da favela Coréia, também no Rio, onde a polícia localizou um arsenal de guerra de bandidos que incluía 30 000 balas de fuzil contrabandeadas, mas porque, pela primeira vez, há chance de os esforços brasileiros encontrarem eco do outro lado da fronteira. Pelo menos a julgar por declarações e atos concretos do novo presidente paraguaio, Nicanor Duarte.

Mal tomou posse, em agosto passado, ele passou a impressão de que poderá mesmo mexer nas estruturas podres do país e lançou-se a uma faxina geral no comando das Forças Armadas que, segundo disse, tiveram ao longo de décadas uma “identificação nefasta” com a corrupção.

Mais do que sabido, isso já era uma verdadeira instituição paraguaia. A grande novidade foi ter sido publicamente admitida por um presidente da República.

Duarte tomou posse diante de colegas de países vizinhos, inclusive Lula, e na solenidade pronunciou um discurso em favor do Estado de direito no qual praticamente admitiu que ele nunca existiu em seu país. Prometeu, ainda, combater as “máfias” que infestam o Paraguai e não dar trégua ao crime organizado.

Havendo agora um presidente em Assunção que reconhece a bandalheira e se declara disposto a combatê-la, o Itamaraty e o governo brasileiro têm pelo menos a quem pegar pela palavra. As comunidades brasileiras submetidas a bandidos violentos e vítimas do tráfico de drogas, como a Rocinha, agradecem penhoradas. ■

Agora, há do outro lado da fronteira um presidente que quer cooperar

Gestor da Câmara dos Deputados

Parabenizo EXAME pela reportagem *O Gestor do Caos* (12 de maio). Sérgio Sampaio foi a grande revelação administrativa da Câmara dos Deputados desde que se fixou em Brasília, DF. Quem conheceu sua atuação na Comissão de Constituição e Justiça não se surpreendeu com seu desempenho na diretoria-geral da Câmara dos Deputados.

Paes Landim

Deputado federal
Brasília, DF

Mercedes-Benz

A reportagem *Esta Fábrica Funciona apenas 5 Horas por Dia* mostra que nem tudo está perdido no mundo empresarial. Enquanto muitas companhias falam em responsabilidade social, fazendo propaganda de suas campanhas para melhorar a vida de quem está fora de seus muros, a DaimlerChrysler mostra que se preocupa com o futuro de seus empregados mantendo o emprego de todos, independentemente da situação de mercado.

Fernanda Amaral Cortez
São Paulo, SP

Prosperidade americana

A exuberância americana está escrita com sangue de pessoas do mundo todo, inclusive dos próprios americanos (*A Retomada do Império Americano*, 12 de maio). E também com muita indiferença com relação aos problemas globais. Apesar de toda prosperidade dos Estados Unidos, não os invejo. Ao contrário, considero seu

egoísmo, baseado na lógica do capitalismo selvagem, o grande responsável pelo fracasso da humanidade na construção de um mundo melhor.

Guilherme Parisi Pazeto
Ribeirão Preto, SP

Algodão na OMC

Infelizmente é histórica a relação conturbada entre governo e empresários (*A Vitória dos Empresários*, 12 de maio). Antigamente, o Estado podia se dar a esse luxo devido às estatais. Hoje, a quebra de cada pequeno empresário significa menos empregos, mais criminalidade e menos impostos arrecadados.

Rogério Pereira da Costa
Belo Horizonte, MG

Desatenção às leis

É impressionante como este país ainda consegue funcionar (*Muito Progresso, Pouca Ordem*, 12 de maio). Como podemos crescer se quem devia nos defender nos ataca? Será que só porque sou índio posso matar? Só porque não tenho casa posso seqüestrar? Só porque não tenho terra posso invadir? Assim, abre-se um precedente para a bandidagem!

Marcus Aurélius Nóbrega de Souza
Caldas Novas, GO

Ainda melhor

Tenho observado uma mudança sutil, mas importante, em EXAME. As reportagens continuam profundas, as páginas estão mais leves e mais bem formatadas, e a revista tem mais matérias. Sugiro que a publicação dê destaque ao mercado acionário brasileiro, principalmente para a pessoa física, hoje líder nas aplicações em nossa bolsa. E como ninguém é de ferro, gostaria de ler também reportagens sobre o lado bom da vida.

Lírio Parisotto
Presidente da Videolar
São Paulo, SP

Parabenizo EXAME pelas mudanças editoriais efetuadas para proporcionar a nós, leitores, ainda mais informações.

Edemar Cid Ferreira
Presidente do Banco Santos
São Paulo, SP

Gestão

A nota *Por Fora do Lance* (*Gestão & Idéias*, 12 de maio) trata do assunto com o qual trabalho. Lutamos muito para dar aos profissionais uma visão

EXAME NEWS

Se você deseja receber, gratuitamente, a newsletter digital de EXAME, com notícias exclusivas sobre o mundo dos negócios, registre-se no site www.portalexame.com.br. EXAME News estará em seu e-mail diariamente, exceto nos fins de semana e feriados.

global dos negócios da companhia em que atuam. Infelizmente, nem todo gestor admite esse desconhecimento por parte da maioria de seus colaboradores.

Carmem T. Manzano
Por e-mail

Segurança pública

Parabenizo Ricardo Setti pelo artigo *Desordem na Fronteira com o Paraguai* (12 de maio). Sou o delegado-chefe da Polícia Federal em Ponta-Porã, em Mato Grosso do Sul, e sei muito bem o que significa esse artigo.

Guilherme Guimarães Farias
Ponta-Porã, MS

Rubens Barrichello

A edição de EXAME de 28 de abril cometeu uma injustiça ao comparar o golfista Phil Mickelson ao piloto Rubens Barrichello, na nota *Tacada Milionária* (*Primeiro Lugar*). Embora até conquistar o "Masters" nunca tivesse vencido um "major" (como são chamados os quatro principais torneios do golfe mundial), Mickelson já havia levantado 22 campeonatos na carreira. Só no ano passado, faturou 18 milhões de dólares, entre prêmios e patrocínios. Em 2003, Mickelson apareceu em terceiro no ranking de faturamento no golfe. Ao contrário de Rubinho, ele não é um azarão.

Amauri Teixeira
Brasília, DF

Correções: ■ A InterActiveCorp lucrou 154,3 milhões de dólares em 2003 (*Império Digital, Primeiro Lugar*, 12 de maio).

■ O bônus de Antony Burgmans, um dos presidentes da Unilever, foi de 262 000 euros em 2003 (*Transparentes Lá. Aqui, Nem Tanto*, 12 de maio).

■ Na reportagem *300 Milhões de Reais em Doces* (12 de maio), ao discorrer sobre as vantagens obtidas pelas empresas brasileiras que exportam (caso da Dori), Marcel Sacco, diretor de marketing da Cadbury Adams, não fez referência explícita à Dori.

■ *Nafta e Alca são uniões aduaneiras* (*A Lição da Europa para o Brasil*, 28 de abril).

Brasil **justiça**

MUDANÇAS no Supremo

O governo Lula ganha poder com a saída de Corrêa e a entrada de Eros Grau

Ministro Alexandre de Moraes



Anúncio do novo ministro do Supremo Tribunal Federal: furo

tórico de boas relações com o petismo. Em 1997, em sintonia com os pensamentos do PT daquela época, entrou com uma ação popular contra a privatização da Vale do Rio Doce. Hoje, defende o controle externo do Poder Judiciário, uma tese compartilhada pelos membros do governo. Aos 63 anos, ele é o quarto ministro do STF indicado por Lula.